

SUBTIL, Maria José Dozza. Música midiática & o gosto musical das crianças.

Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006.

Jonathan de Oliveira Molar*

O livro “Música midiática & o gosto musical das crianças” é resultado da tese de doutorado em Engenharia da Produção apresentada por Maria José Dozza Subtil à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A obra parte do pressuposto de que a música carrega sentidos próprios, ou seja, apresenta um caráter *sui generis* em sua produção, expressão, apreensão e significação. Tais especificidades superam até mesmo os imperativos econômicos e sociais, adentrando na esfera de autonomia e de resignificação de um receptor crítico, nesse caso, as crianças.

A pesquisa envolveu a aplicação de questionários, observações e entrevistas com 350 alunos da rede de escolas públicas e particulares da cidade de Ponta Grossa. As crianças investigadas eram, na época (entre 1999 e 2002), alunos do 4º ano do ensino fundamental e, em sua maioria, tinham 9/10 anos de idade.

A escola foi abordada como um espaço privilegiado de construção de saberes, de socialização das crianças: “Nesse local de aprendizagens, mesmo quando a música não está formalmente no currículo, ela faz parte do cotidiano, em momentos extracurriculares: no recreio, festas (...)” (SUBTIL, 2006, p. 15). Segundo a autora, seja na escola e/ou na sociedade, as crianças se apropriam de músicas midiáticas e as expressam – via televisão, aparelhos de som, etc. – sendo que tais músicas são constantemente veiculadas de forma massiva através das novas tecnologias de informação.

A autora explica o consumo através do conceito de *habitus*¹ que significa a mediação entre o sistema macrossocial e sistema econômico, além das internalizações próprias de cada criança – seus gostos, críticas, etc. A mídia utiliza-se de um “poder agregador”, isto é, de um poder lúdico e performático da música, na tentativa de padronizar os gostos. Fora a canção em si, são igualmente importantes a imagem do intérprete, a coreografia das músicas, etc., para, assim, realizar laços identitários com o receptor, o público.

As crianças, conforme explica a autora, relacionam-se com a música midiática via o corpo inteiro,

com os sentidos, emoções e sentimentos. Constatou-se que essas crianças reconheciam não só os cantores e os nomes das canções, mas também elementos técnicos, como o ritmo e a melodia. Há, evidentemente um conhecimento musical explicitado nessas expressões, assim o conceito de Indústria Cultural – criado por Adorno e Horkheimer com o sentido de fetichismo dos objetos culturais – deve ser utilizado em sua dimensão contraditória porque “a mídia também ensina!”(p. 150). Há evidências de uma recepção ativa dos sujeitos que não são passivos frente às emissões midiáticas mas re-elaboram significações através das diferentes mediações: família, escola, grupos de amigos, igreja e comunidade social mais ampla.

Os alunos pesquisados apresentaram variações de gostos quanto às músicas, aos artistas e aos programas conforme duas categorias de objetos midiáticos propostos pela autora: permanentes – são os que permanecem mais tempo na memória e na preferência e tornam-se “clássicos” (Roberto Carlos é um exemplo) e efêmeros - são os que têm curta duração e “caem”, são passageiros segundo as crianças (músicas dos grupos É o Tchan e Bonde do Tigrão por exemplo). A exposição dos “astros” na mídia (em novelas, comerciais e programas) faz com que suas músicas permaneçam ou não em evidência para o público. Além disso, averiguou-se que há artistas mais populares entre os meninos e outros entre as meninas, principalmente, pelos ritmos das músicas e principalmente pela imagem de cada famoso.

O gênero volta a ser observado quanto à dança, pois se constatou que, geralmente, os meninos apenas ouvem as canções, já as meninas também dançam. Quando questionados, grande parte dos meninos afirmou que a dança – como o funk e o samba, por exemplo - é elaborada para as meninas, sendo poucos os ritmos tidos como “apropriados” para ambos os sexos.

As músicas funk surgem novamente nas entrevistas: apesar de gostarem dessas músicas e de as cantarem, as crianças, em seus depoimentos, possivelmente por influência dos adultos de sua convivência, criticavam as letras por seu caráter sensual, por serem “apelativas”, considerando-as impróprias e pouco educativas. Tal situação denota que a infância já adentra em um mundo adulto, enquanto que a sua estrutura familiar e social, ao criticar o funk, adentra no universo infantil, perpetuando gostos e paradigmas sociais. Por outro lado, Subtil desvelou que a criança

* Mestrando do PPGE-UEPG. E-mail: jonathanmolar@hotmail.com

¹ Termo elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para designar um princípio mediador entre a prática individual e as estruturas da sociedade.

possui um campo de emancipação, de absorção autônoma de conhecimento e gostos, seja da mídia massiva e/ou das instituições sociais, o que faz dela uma receptora crítica, não podendo ser vista e considerada como “adulto em miniatura”.

Ao realizar a pesquisa em escolas públicas e particulares, verificou-se que as diferenças econômicas e culturais não alteram com relevância o gosto musical das crianças. Uma diferença encontrada diz respeito ao fato de que as crianças de maior poder aquisitivo ao comprarem Cd's originais com os respectivos encartes, obtêm informações sobre o intérprete e as músicas e um conhecimento mais aprofundado sobre as letras. Isso decorre também do acesso a outros meios de comunicação como internet, videokê e jogos eletrônicos.

Para fazer um contraponto às informações veiculadas pelas mídias Subtil apregoa que é necessário ampliar o repertório musical das crianças e inserir a música no currículo. Dessa forma, as vivências musicais não devem permanecer restritamente ao reconhecimento de letras, intérpretes, etc., mas sim, como um campo de saberes historicamente constituído que revela modos de ser, conhecer e sentir não só das crianças como dos adultos. A música pode propor uma visão crítica e criativa da realidade e intervir no desenvolvimento das percepções e do conhecimento, em especial da cultura contemporânea

Em síntese, a pesquisa que deu origem ao livro ora comentado colabora para uma visão da infância enquanto construção social propondo uma visão sobre o universo das crianças pela análise do gosto e das práticas musicais. A autora propõe que a escola e os professores levem em conta esses saberes infantis como forma de melhor interagir com os alunos e interferir na proposição de conhecimentos significativos e válidos socialmente

No último capítulo, Subtil afirma a necessidade de refletir sobre a música em suas diversas manifestações- canto, dança, audição - pelo significado que assumem na vida das crianças para que a escola possa propor também a produção e a criação musical. Essa é uma tarefa da escola e dos professores. Nesse sentido, a autora alerta, citando Zuin (1999, p.158), que “o resgate do sentido da emancipação talvez esteja também atrelado à necessidade de que uma concepção educacional crítica incentive a auto-reflexão daqueles que se julgam educados, mas que colaboraram decisivamente tanto para sua própria debilidade quanto para a dos outros”(p.152).